

ISSN 0103-8311

CENTRO DE ESTUDOS ORNITOLÓGICOS

SÃO PAULO - SP

**BOLETIM
CEO**

Bol. CEO N° 1 (Reedição)

p. 1-36

Janeiro de 1986

CENTRO DE ESTUDOS ORNITOLÓGICOS

CGC 57.063.992/0001-13

CAIXA POSTAL 64532 05497-970 - SÃO PAULO, SP

DIRETORIA

Presidente: Liliana Forneris

Vice-Presidente: Luiz Octavio Marcondes Machado

1º Secretário: Luiz Fernando de Andrade Figueiredo

2º Secretário: Maria Martha Argel-de-Oliveira

1º Tesoureiro: Maria Aparecida Visconti

2º Tesoureiro: Suely Sanae Kashino

BOLETIM CEO

Editor: Luiz Fernando de Andrade Figueiredo

Editores Associados: Hélio F. de Almeida Camargo e Maria Aparecida Visconti

Logotipo: Criação: Luiz Fernando. Arte-final: Rolf Grantsau

Impressão: São Vito Ind. e Com. de Papéis Ltda (cortesia)

O *Boletim CEO* propõe-se a ser publicado semestralmente em janeiro e julho e é de responsabilidade do Centro de Estudos Ornitológicos. Tem por finalidade publicar artigos relativos à ornitologia e ciências afins.

Solicita-se permuta. Exchange wanted. On prie l'échange.

Assinatura anual: R\$10,00 ou equivalente.

ÍNDICE

03 **APRESENTAÇÃO**

05 **EDITORIAL**

A avifauna e os criadores de aves silvestres

DESTAQUE

09 Helmut Sick, uma introdução

Hélio F. de Almeida Camargo

OBJETIVA

14 O Centro de Estudos Ornitológicos

SEÇÃO CIENTÍFICA

18 Caixas para ninhos no Parque Morumbi, São Paulo, SP

Luiz Fernando de Andrade Figueiredo

NOTAS DE CAMPO

22 Sabiá-do-campo (*Mimus saturninus*)

Maria Martha Argel-de-Oliveira

PAINEL

24 Ornitologia na CESP - Cia. Energética de São Paulo

26 Relato da visita feita à Ilha Anchieta um mês após a soltura de animais pela Fundação Zoológico de São Paulo

Pablo Garcia Carrasco

30 Contribuição para discutir a questão dos nomes vulgares para as aves brasileiras

Luiz Fernando de Andrade Figueiredo

34 **AGENDA**

NOTA DO EDITOR para a reedição do Boletim CEO N° 1:

Em virtude de diversas solicitações de números anteriores já esgotados do Boletim CEO, decidiu-se pela reedição dos mesmos. Decidiu-se também pela reedição em computador, nos moldes dos Boletins atuais.

Pela necessidade de manter a maior fidelidade possível à edição original, foi necessário utilizar em algumas situações, como na paginação, alternativas de formatação diferentes das que permitiriam os melhores resultados estéticos. Alertamos aos que pretenderem fazer citações bibliográficas detalhadas, que o conteúdo de cada página é rigorosamente o mesmo da edição original, mas o mesmo não ocorre com relação a cada linha.

Nesta reedição foi incluída a Folha de Rosto, e reformulados o “Expediente”, e as “Instruções aos colaboradores” (na edição original “Instruções aos Autores”).

Agradecemos à São Vito Indústria e Comércio de Papéis pela digitação desta reedição, a Adilson Pontes pela conferência da mesma e a Francisco Abós Salvador, do Instituto de Biociências da USP, pelo processamento das imagens.

Abril de 1996.

Luiz Fernando de A. Figueiredo

APRESENTAÇÃO

Após um ano e quatro meses da criação do CEO, idade razoável para toda criança já ter começado a falar, mesmo que algumas tímidas palavras, surge o Boletim CEO N° 1.

Seus objetivos são os mesmos que os principais objetivos de qualquer grito, canto ou outros barulhos de bicos e plumagens de aves: anunciar sua presença e defender seu território. Presença de idéias, posições científicas e atitudes políticas. Territórios geográficos: ecossistemas saudáveis, necessários para a sobrevivência das espécies.

Pretende-se manter uma periodicidade semestral, com uma edição de verão e outra de inverno, sazonal, como convém a tudo que se refere à natureza.

Pede-se encarecidamente aos leitores que reproduzam, até o limite de capacidade de suas copiadoras, todos os textos e figuras aqui contidos e os distribuam panfletariamente ou abram comércio, vendendo-os estritamente pelo preço de custo.

O Boletim estará receptivo a qualquer elogio, crítica, xingamento ou contestação das verdades científicas e outras idéias por ele veiculadas, comprometendo-se a publicar estas manifestações nos próximos números, dentro do limite de sua cota de papel (gentilmente cedida ou arduamente comprada). Isto porque entende que já ficou provado, desde Darwin, que sem disputa não há sobrevivência do mais apto e muito menos aperfeiçoamento.

Por outro lado, convida a todos para, no período não reprodutivo, acalmados os ânimos, se juntarem ao bando e juntos fazermos estragos nas plantações antiecológicas.

Por fim, sem topetes à mostra nem plumagens nupciais, tudo o que se pretende é que es-

Bol. CEO N° 1, Janeiro de 1986

te Boletim seja recebido com agrado, como o canto de uma ave nova no jardim.

O Editor

A AVIFAUNA E OS CRIADORES DE AVES SILVESTRES

Os criadores de aves silvestres têm em comum com os observadores de aves, entres estes os ornitologistas, o fato de serem admiradores e amantes das aves. Muitos iniciam seu interesse pela ornitologia a partir das aves de gaiola. É inegável a importância dos criadores em dois aspectos: suas contribuições para o conhecimento das aves e para a conservação da natureza.

Os criadores podem fornecer dados sobre diversos aspectos da biologia de algumas aves. A ave numa gaiola ou viveiro é acessível a uma fácil observação, como num laboratório. Pode-se então estudar aspectos como muda, alimentação, doenças, acasalamento, construção do ninho, postura, tamanho, cor e número de ovos, tempo de incubação, tratamento e desenvolvimento dos filhotes, canto, comportamento, hibridizações e muitos outros. Deve-se levar em conta, obviamente, que a condição de cativeiro pode alterar alguns destes aspectos. A longevidade de muitas aves só é conhecida em situações de cativeiro.

No campo da conservação da avifauna a grande contribuição dos criadores é a reprodução de espécies ameaçadas de extinção. Com isso garante-se a sobrevivência da espécie no caso de ela ser extinta no seu ambiente natural, permitindo sua reintrodução em seu habitat através de repovoamento.

Por outro lado, a manutenção de aves silvestres em cativeiro apresenta alguns paradoxos. A existência de uma ave silvestre em cativeiro, a não ser que tenha nascido em cativeiro, é um flagrante de uma contravenção penal, já que é

prova de que foi capturada ou comprada de algum vendedor. A captura e comercialização de animais silvestres são proibidas pela Lei N° 5.197, “Proteção à Fauna”, de 3 de janeiro de 1967.

Dentro da famosa lei que rege a economia de mercado, que é a lei da oferta e da procura, os criadores são a procura, responsáveis pela manutenção de uma oferta de aves no mercado clandestino. Se fosse respeitada universalmente a ética de não se comprar animais silvestres ou produtos decorrentes de sua caça, estes traficantes estariam fatalmente falidos.

A permissão dada pela lei, de livre comercialização de muitas aves exóticas é uma distorção que precisa ser revista. O bico-de-lacre (*Estrilda astrild*) é um bom exemplo. Esta ave, originária da África, já se tornou silvestre em muitas áreas do Brasil. Entretanto, sua captura e comercialização é permitida em virtude de sua origem. Seria o mesmo que negar-se a cidadania brasileira aos negros por sua origem africana!

É fato indiscutível que não se pode culpar unicamente os criadores pelo extermínio da avifauna. Esta tem outras causas muito mais importantes como a destruição da cobertura vegetal, a poluição química do ar e das águas, o uso indiscriminado de agrotóxicos, a insuficiência de reservas ecológicas em número e extensão, a falta de fiscalização de muitas reservas, a caça esportiva ou clandestina, e muitas outras. Mas algumas espécies têm escasseado e estão ameaçadas por serem insistentemente capturadas dado seu alto valor como aves de gaiola. Entre estas incluem-se o bicudo (*Oryzoborus crassirostris*) e o curió (*Orizoborus angolensis*). É preciso lembrar também que a possibilidade de extinção da espécie no ambiente natural não é o único aspecto negativo da captura desenfreada de aves. Mesmo que ela continue existindo em áreas pouco habitadas ou em reservas ecológicas, o seu desaparecimento de locais onde eram abun-

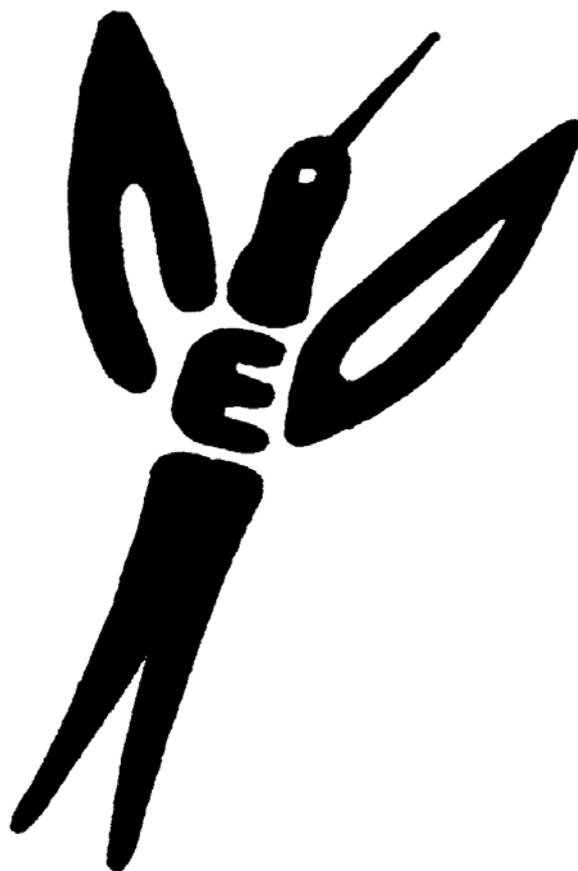
dantes constitui um empobrecimento indesejável da avifauna. Helmut Sick, em seu trabalho “Aves brasileiras ameaçadas de extinção e noções gerais de conservação de aves do Brasil” (An. Acad. Bras. Ciên. 41-supl-205-299) já relatava o desaparecimento nos arredores do Rio de Janeiro, em 1969, por conta da captura, de aves antes comuns como o bicudo, o canário-da-terra, o curió, o azulão, a patativa, a graúna e mesmo o trinca-ferro.

A redescoberta de uma espécie de existência até então duvidosa ou já considerada extinta traz a seus redescobridores um certo peso de consciência por terem de relatar o local onde fizeram a redescoberta. Isto porque, denunciando o local, para lá poderão se dirigir pessoas ávidas de exemplares para seus viveiros ou que possam ser vendidos por bom preço. Esta preocupação já foi relatada por Helmut Sick com relação à redescoberta da arara *Anodorhynchus leari* no Raso da Catarina, BA, e por Rolf Grantsau, com relação a um beija-flor do Caraça, MG.

Levantamentos feitos por observadores de aves em cidades mostram que muitas espécies ainda resistem à poluição, ao barulho e muitas vezes à grande pobreza em áreas verdes. Na Cidade Universitária da USP, em São Paulo, já foram observadas por membros deste Centro de Estudos mais de 80 espécies. Na Cidade Universitária da UFMG, Belo Horizonte, Ney Carnevalli e colaboradores observaram 123 espécies. Walter Voss relata 50 espécies no Parque Farroupilha, na zona central de Porto Alegre. Estes dados mostram que o habitante das cidades e mesmo das grandes metrópoles pode usufruir da presença das aves mesmo sem tê-las em cativeiro. Felizmente em nosso meio tem crescido o número de pessoas que se dedicam à saudável prática da observação das aves, colocação de alimentos e de caixas para ninhos. O surgimento de associações de observadores em diversos Estados é uma prova deste crescente interesse pela observação da ave em seu habitat. Os cursos de observação

de aves, também cada vez mais freqüentes, atraem grande número de interessados, substituindo as exposições de aves silvestres. Nas últimas décadas notou-se a substituição de muitos caçadores, armados de espingardas, por fotógrafos, com suas máquinas fotográficas. O “foto-safari” substitui as caçadas. A proposta dos observadores é que o binóculo substitua o alçapão.

Dos criadores de aves silvestres espera-se que trabalhem no sentido do estabelecimento de uma ética ecológica que defina suas atividades, eliminando os aspectos negativos destas atividades.



DESTAQUE

HELMUT SICK, UMA INTRODUÇÃO

O texto a seguir é a saudação proferida pelo Professor Hélio Ferraz de Almeida Camargo em 9 de agosto de 1985, por ocasião da homenagem a Helmut Sick, comemorando o lançamento de seu livro “Ornitologia brasileira, uma Introdução”, no Anfiteatro do Departamento Zoologia do Instituto de Biociências da USP.

Pouco antes da eclosão da Segunda Guerra Mundial, em 1º de setembro de 1939, Helmut Sick chegava ao Estado do Espírito Santo, vindo da Alemanha, em companhia de Adolfo Schneider que, em 1938, nos brindou com trabalho definitivo sobre a identificação das aves mencionadas por George Marcgrave no Livro 5º da “Historia Naturalis Brasiliae”; em 1962 o nome de Schneider figuraria ao lado do de Sick na contribuição “Sobre a distribuição de algumas aves do sudeste do Brasil, segundo as coleções do Museu Nacional”. Schneider regressou à Alemanha em 1942 e ali faleceu em 1945. Helmut Sick, porém, veio para ficar; nem mesmo o honroso convite do Prof. Stresemann, para que o sucedesse na direção do Museu de Berlim, daqui o não arredou. Posso imaginar o conteúdo da bagagem do nosso homenageado ao desembarcar no Brasil: ocupando lugar de destaque, o binóculo, a caderneta de campo e a espingarda, de bom aço alemão. É que o meu amigo, naquela época, como agora, já vivia a Ornitologia de campo vinte e quatro horas por dia. Ele mesmo o confessa no prefácio

do seu livro “Tucani - Entre los indios y los animales del Centro del Brasil - Relato de la primeira travessia Sudeste-Noroeste del Brasil Central”, publicado na Espanha em 1962, que a observação das aves “...ha sido desde mi niñez uno de los incentivos principales de mi vida y, dentro de mis actividades científicas, mi especialidade”. De fato, nascido em Leipzig, Alemanha, filho e irmão de eminentes médicos, recebeu esmerada educação; além das matérias básicas certamente também a música e o desenho, parceiros constantes nos trabalhos de Sick. Formado em Ciências Naturais pela Universidade de Berlim, em 1937 surge no “Journal für Ornithologie” a sua tese de doutoramento, uma excelente contribuição de 166 páginas sobre a morfologia funcional das microestruturas das penas das aves. O Professor e Orientador outro não era senão Erwin Stresemann, acima mencionado, ornitólogo de projeção mundial. Dois anos após, na mesma revista, eis outro artigo de Sick, citado por Ernst Mayr no já clássico “Systematics and the Origin of Species” (1942) sobre os dialetos do canto de *Fringilla coelebs* em Stuttgart, bela cidade ao sul da Alemanha, e vizinhanças. No Brasil trabalha intensamente em todos os setores da Ornitologia: a ecologia, a biologia, o comportamento, a anatomia funcional, a taxonomia, primeiro como Naturalista da Fundação Brasil Central, depois como Naturalista e Professor do justamente famoso Museu Nacional, onde se aposentou por implemento de idade. A leitura das contribuições do nosso ilustre homenageado mostra o seu modo de pesquisar: são horas e horas no campo, principalmente com a caderneta onde as anotações se avolumam, o binóculo e a notória capacidade de Sick em identificar grande número das nossas espécies através do canto; de quando em quando se utiliza da espingarda para as coletas; viagens a todos os rincões do país, desde o Sul até o Brasil Central, a Amazônia, o Nordeste e o Leste; visitas constantes aos Museus brasileiros e àqueles de fora: pre-

sença obrigatória e festejada nos Congressos de Zoologia e de Ornitologia; visitas aos criadores de aves e às coleções de particulares; correspondência com os colegas dos Museus, solicitando informações sobre aves por eles observadas, bem como bibliografia; consulta os indígenas com os quais convive durante algumas viagens, como os Juruna, do Brasil Central, e os Camaiurá, do alto Xingu, sobre o nome que usam para certas aves, mas alerta o leitor "...que os índios designam duas ou mais espécies parecidas de animais pelo mesmo nome. Isso não quer dizer, porém, que ignorem tratar-se de formas diversas. Sabem perfeitamente que há diferença entre um e outro, mas não se importam com ela". E é assim, que, quando Helmut Sick, ao redigir, consulta o caderno de campo, recheado de muitas observações inéditas e de desenhos e pautas musicais, bem como a literatura especializada - esta sempre submetida ao crivo de uma crítica penetrante e severa que não perdoa, por exemplo, O Príncipe Maximiliano de Wied que descreve o olhar de *Neomorphus geoffroyi* como "animado e feroso", embora, diz Sick, "só tenha tido em mãos o cadáver", brotam contribuições verdadeiramente preciosas para o progresso da Ornitologia, como aquelas referentes à avifauna do cerrado; a espécie de *Sporophila*; à biologia, comportamento pré-nupcial e ecologia do "anambé- preto", *Cephalopterus ornatus*; ao ninho de certos Cotingídeos; à voz como caráter taxonômico em aves; ao pardal; aos Cracídeos; à algumas espécies de Picídeos; aos Rhinocryptídeos; aos representantes brasileiros dos Cuculídeos da subfamília Neomorphinae; ao escravismo em aves brasileiras; ao comportamento pré-nupcial dos Piprídeos brasileiros; à função das penas; às avifaunas do novo Distrito Federal e do Rio de Janeiro (esta em colaboração com o saudoso Guido Pabst); às aves noturnas do Estado da Guanabara; à colaboração, com seis artigos, no primoroso "A New Dictionary of Birds" (1964), atendendo a honroso convite do editor e ornitó-

logo inglês A. Lansborough Thompson; à descrição, com o seu discípulo Dante Martins Teixeira, do ovo do accipitrídeo *Harpyhaliaetus coronatus*; à redescoberta, no Raso de Catarina região semi-árida do nordeste da Bahia, juntamente com Dante e Luiz Pedreira Gonzaga, da arara azul *Anodorhynchus leari*, até então (1978) praticamente desconhecida; ao minucioso estudo (1959) sobre a biologia, a ecologia e a distribuição geográfica do caprimulgídeo *Caprimulgus longirostris*, redescoberto por Sick em 1940, na Serra do Caparaó, a 2.500 metros de altitude e identificado por Olivério Pinto em 1954; à notícia, pela primeira vez (1979), da ocorrência do condor *Vultur gryphus* no Brasil, bem como da garcinha *Ardeola ibis* na Ilha de Marajó (1965); às espécies brasileiras de aves raras ou ameaçadas de extinção (1979, em colaboração com Dante Martins Teixeira), além de inúmeras outras contribuições de inegável valor.

É notável a capacidade que o nosso caro homenageado tem de permanecer no campo, observando longo tempo, sem ser pressentido por aves reconhecidamente difíceis de serem vistas, como as espécies de *Tapera*, *Dromococcyx* e *Neomorphus*, ou então dos Rhinocryptídeos, dos quais Sick estudou 6 das 10 espécies existentes no Brasil. Tratando, em 1953, da bioecologia dos cuculídeos acima nomeados, em monografia que classifico de obra-prima da literatura ornitológica, em certo trecho digno de figurar em uma antologia das coisas da natureza, o meu amigo descreve como perceber na mata a chegada de uma correição de formigas, através do comportamento de certas aves, pequenos vertebrados e invertebrados (insetos e opiliões).

Professor do Museu Nacional, Membro Titular da Academia Brasileira de Ciências, ornitólogo de largo renome, consultado freqüentemente pelos colegas do Brasil e de fora, Helmut Sick dá inúmeros cursos de pós-graduação, formando ornitólogos, alguns deles já em plena produção científica como Dante Martins Teixeira e Luiz

Pedreira Gonzaga, ambos também do Museu Nacional, e Maria Ignez Ferolla, da Universidade Federal de Minas Gerais. O incentivo que o nosso ilustre homenageado dá ao desenvolvimento dos estudos ornitológicos no Brasil não se limita ao âmbito do Museu Nacional. Em Santa Catarina, por exemplo, ei-lo ativamente participando, ao lado das discípulas Tânia Rauh e Lenir Alda do Rosário, na elaboração, em 1979, da “Lista preliminar das aves do Estado de Santa Catarina”. Ao atingir aquela idade que obriga o homem a diminuir a marcha e olhar para trás, Helmut Sick, com o mesmo entusiasmo da juventude pela pesquisa, continua olhando para frente. E entrega aos seus amigos, aos seus discípulos, aos seus admiradores, aos amantes da Ornitologia esse magnífico livro “Ornitologia Brasileira, uma Introdução”, em 2 volumes, com 827 páginas, dedicado a Emília Sneath, naturalista alemã a quem a Ornitologia brasileira, especialmente a amazônica, tanto deve, no qual estão condensados os estudos de gabinete e as observações de campo - muitas delas publicadas pela primeira vez - sobre uma avifauna com 1590 espécies, enriquecidas por profusa e fidelíssima ilustração das inúmeras formas, bem como por vários desenhos e mapas, além de excelentes fotografias do biotopo de algumas espécies.

Encerrando, só posso dizer ao caro amigo que tenho o privilégio de saudar e que conheço e prezo há quarenta anos: Prof. Sick, este seletor auditório, lídimo representante da cultura paulista, que justamente decidiu homenageá-lo, hoje, pela publicação de obra tão útil e valiosa, quer manifestar-lhe a sua profunda admiração por uma vida quase toda ela dedicada a um melhor conhecimento das aves brasileiras.

OBJETIVA

O CENTRO DE ESTUDOS ORNITOLÓGICOS

O Centro de Estudos Ornitológicos - CEO, foi criado no dia 29 de setembro de 1984, em uma reunião realizada no Anfiteatro do Departamento de Zoologia na Cidade Universitária da USP. A idéia de sua criação surgiu de pessoas que ocasionalmente se encontravam e conversavam sobre aves.

As reuniões continuaram a ocorrer mensalmente e atualmente são realizadas no segundo sábado de cada mês. Enquanto não foi eleita a Diretoria, algumas pessoas se encarregaram da organização e coordenação da entidade, elaborando e discutindo um projeto de Estatuto, divulgando as reuniões, lavrando as atas das reuniões, etc.

No dia 9 de março de 1985 foi distribuído aos presentes um projeto de Estatuto para ser apreciado. Este projeto sofreu diversas alterações, dando origem a um segundo projeto que foi novamente distribuído aos presentes na reunião de 22 de junho de 1985. Após algumas novas alterações, por sugestão de diversas pessoas, este Estatuto foi aprovado em Assembléia Geral do dia 10 de agosto de 1985.

Os objetivos do CEO são:

1. Congregar pessoas interessadas pela Ornitologia e matérias correlatas, para que, por meio de um intercâmbio de idéias e de uma cooperação mútua, se atinjam mais rapidamente os objetivos nestas áreas.

2. Estimular e promover a realização de estudos ornitológicos, criando as condições materiais e humanas necessárias para sua execução e divulgação de seus resultados.

3. Constituir-se em uma entidade ativa frente às questões relativas à conservação da natureza em geral e da avifauna em particular, apoiando e aliando-se a outras entidades ornitológicas e conservacionistas.

4. Estimular junto à comunidade o interesse pela Ornitologia bem como pela conservação da natureza em geral e da avifauna em particular, promovendo cursos, palestras, exposições, concursos e outros eventos.

No dia 14 de setembro de 1985 foi eleita a primeira Diretoria, para um mandato de dois anos, assim constituída:

Presidente : Liliana Forneris, Professora Adjunta do Departamento de Zoologia do Instituto de Biociências da USP;

Vice-Presidente : Luiz Octávio Marcontes Machado, Professor Assistente Doutor do Departamento de Zoologia da UNICAMP;

1º Secretário : Luiz Fernando de Andrade Figueiredo, Médico Sanitarista da Secretaria da Saúde de São Paulo;

2º Secretário : Maria Martha Argel de Oliveira, Bióloga, aluna de Pós-Graduação em Ecologia da UNICAMP;

1º Tesoureiro : Maria Aparecida Visconti, aluna de Pós-Graduação do Departamento de Fisiologia do Instituto de Biociências da USP.

2º Tesoureiro : Suely Sanae Kashino, aluna de Pós-Graduação do Instituto de Ciências Biomédicas da USP.

Em seu primeiro ano de existência o CEO realizou atividades que são a seguir descritas:

Em novembro de 1984, Pablo Garcia Carrasco e Maria Martha Argel de Oliveira apresentaram diapositivos de aves fotografadas na Ilha Anchieta (SP) e fizeram relatos de efeitos negativos da soltura de animais nesta Ilha, pela Fundação Parque Zoológico de São Paulo. Em março, de 1985, Maria Martha apresentou diapositivos e abordou alguns aspectos da biologia do *Mimus saturninus*. De dezembro de 1984 a setembro

de 1985 foram realizadas oito palestras pelo Prof. Hélio Ferraz de Almeida Camargo, do Museu de Zoologia da USP, sobre o tema “Classificação e Identificação das Aves”, com abordagem das famílias de aves brasileiras. Algumas dessa palestras foram ilustradas com a apresentação de espécimes taxidermizados da coleção particular do ornitólogo Rolf Grantsau.

Em diversas oportunidades foram apresentados filmes científicos sobre aves.

Em maio de 1985 iniciou-se um trabalho conjunto entre o CEO, o Departamento de Zoologia da UNICAMP, por intermédio do Prof. Luiz Octávio Marcondes Machado, e o DEPAVE - Departamento de Parques e Áreas Verdes da Prefeitura de São Paulo, por intermédio de Sérgio Luiz Pompéia. Este trabalho conjunto objetiva o desenvolvimento de pesquisas sobre a utilização de caixas para ninhos pelas aves das áreas verdes urbanas. Foi escolhida como área de estudo inicial o Parque Morumbi. Este trabalho encontra-se em andamento e seus resultados serão divulgados oportunamente (mais detalhes na Seção Científica).

No dia 9 de agosto de 1985 o CEO participou, juntamente com o Departamento de Zoologia da USP, a ADEMA - Associação de Defesa do Meio Ambiente, o COA - Clube de Observadores de Aves - Núcleo de São Paulo, e a SOB - Sociedade Ornitológica Bandeirante, de uma homenagem prestada ao ornitólogo Helmut Sick, do Museu Nacional da UFRJ. Nesta oportunidade o Prof. Sick foi saudado pelo Prof. Hélio Ferraz, do Museu de Zoologia da USP, pelo Sr. Ênio Flecha, da SOB e pela Prof^a Eudóxia Maria Froehlich, do Departamento de Zoologia da USP. A seguir, o Prof. Helmut Sick relatou diversas passagens pitorescas de seu trabalho em Ornitologia. Finalizando o encontro o Prof. Sick autografou exemplares de sua obra “Ornitologia Brasileira, uma Introdução”.

Iniciando seu segundo ano de existência o CEO participou juntamente com o DEPAVE - Depar-

tamento de Parques e Áreas Verdes da Prefeitura de São Paulo, do “Curso de Observação de Aves”, que se realizou no dia 5 de outubro de 1985, comemorando o Dia da Ave. O curso teve lugar no Centro de Educação Ambiental do Parque da Previdência e contou com a presença de aproximadamente oitenta alunos. Foram ministradas cinco aulas, com os temas apresentados a seguir e seus respectivos professores:

1ª aula : A observação de aves: esporte, lazer, ciência e arte.

Prof. Luiz Fernando de Andrade Figueiredo.

2ª aula : A prática da observação: equipamento e técnicas.

Profª Maria Martha Argel de Oliveira.

3ª aula : Atração de aves.

Prof. Sérgio Luiz Pompéia.

4ª aula : O observador em ação: identificando as espécies.

Prof. Rolf Grantsau.

5ª aula : Aves de São Paulo (audiovisual).

Apresentação: Maria Martha e Luiz Fernando.

Na reunião de outubro de 1985 o Prof. Hélio Ferraz sugeriu que a palestra a ser proferida por ele, sobre a ordem Apodiformes, fosse proferida pelo Prof. Rolf Grantsau, dado o particular interesse deste ornitólogo pela família Trochilidae. O Prof. Rolf aceitou a sugestão e proferiu a palestra, ilustrada com a apresentação de diversas peles de beija-flores de sua coleção particular. Por sugestão de alguns associados, na reunião de dezembro de 1985, o Prof. Rolf Grantsau elaborou uma chave para identificação dos beija-flores do Estado de São Paulo.

SEÇÃO CIENTÍFICA

CAIXAS PARA NINHOS NO PARQUE MORUMBI, SÃO PAULO, SP

Luiz Fernando de Andrade Figueiredo
Centro de Estudos Ornitológicos

A colocação de caixas para ninhos de aves é uma atividade antiga e muito difundida nos Estados Unidos e países europeus. O impacto ecológico desta prática é altamente compensador para muitas espécies. As fazendas modernas, com extensas áreas transformadas em pastagens ou plantações, as florestas homogêneas, a urbanização, deixam poucas oportunidades para as aves encontrarem cavidades naturais em árvores. A sobrevivência de algumas aves norte-americanas em algumas áreas é atribuída à colocação destas caixas. Neste país 50 espécies se utilizam de caixas para ninhos e já estão bem estudados os modelos de caixas mais adequados para cada espécie. Os modelos variam nas dimensões da base, altura da caixa, diâmetro da abertura de entrada e altura da entrada. Na colocação, fatores como a altura do chão, densidade da vegetação, proximidade de lagos e outros, também interferem na ocupação das caixas. Em geral a cor recomendada é a marrom, mas pode-se usar também tons de cinza ou verde, sempre discretos. As caixas para andorinhas, que são colocadas no topo de estacas, devem ser pintadas de branco, para refletir o calor do sol, evitando um aquecimento exagerado.

A ocupação das caixas por aves indesejáveis ou mesmo por artrópodes é uma dificuldade a ser contornada. Nos Estados Unidos há problemas com o pardal (*Passer domesticus*) e o estorninho (*Sturnus vulgaris*). A não colocação do poleiro na entrada é uma medida recomendada para evitar o pardal. Em nosso meio já foi obser-

vada a ocupação de caixas por marimbondos e abelhas.

A espécie que se adapta com mais facilidade às caixas é a corruíra (*Troglodytes aedon*). É comum observarmos esta ave fazendo ninho em minúsculos espaços dentro de canos de passagem de fiação elétrica ou em pequenos buracos em muros.

Há dois tipos de modelos de caixas para ninhos: os modelos padrões e os modelos decorativos. Os modelos padrões têm uma base quadrada e uma altura quase sempre maior que a largura, um pouco mais alta atrás, para permitir uma pequena queda no telhado. Além da abertura da entrada é recomendável fazer nas laterais alguns orifícios para permitir uma melhor ventilação e também uma melhor iluminação, tornando a caixa menos misteriosa para a ave que acaba de chegar.

Os modelos decorativos são feitos com formatos variados e têm uma função adicional de servir de enfeite para o jardim. Alguns são feitos aproveitando-se algum material propício, como cabaças, cocos e outros objetos ociosos.

Se a caixa for ficar no tempo é indispensável algum tratamento impermeabilizante, para maior durabilidade, como tinta ou verniz. Um acabamento eficiente e bonito é escurecer a madeira com extrato de noqueira e envernizar. Deste modo conserva-se o aspecto da madeira e pode-se dar o tom desejado.

Nos modelos padrões é conveniente que o teto seja móvel, por meio de uma dobradiça ou outro sistema, para permitir que se acompanhe o processo reprodutivo. Após a saída dos filhotes a caixa deve ser retirada para limpeza. Todo o material do ninho deve ser retirado e a caixa deve ser lavada com um desinfetante. Isto eliminará possíveis parasitas. Se necessário, aplicar nova mão de tinta ou verniz.

Com os objetivos de verificar em que medida as aves dos parques se utilizam de caixas para ninhos e as dimensões mais adequadas das cai-

xas para cada espécie, o CEO iniciou em junho de 1985, junto com o DEPAVE - Departamento de Parques e Áreas Verdes da Prefeitura de São Paulo, através de sua Divisão Técnica de Manejo e Conservação dos Parques, um “Trabalho Conjunto sobre Caixas para Ninhos de Aves”. Foi escolhida como área de estudo o Parque Morumbi, por apresentar uma avifauna razoavelmente diversificada e boas condições de fiscalização. Até setembro de 1985 foram colocadas no Parque as 100 caixas da experiência, em três modelos diferentes, adaptados de modelos de literatura norte-americana. A seguir são apresentadas as dimensões dos três modelos (em centímetros):

MODELO	BASE	ALTURA	DIÂMETRO DA ENTRADA	DIÂMETRO DA ABERTURA
A (pequeno)	13x13	15	4	10
B (médio)	18x18	33	6,5	25
C (grande)	25x25	50	10	40

Foram usadas 60 caixas do modelo pequeno, 30 do médio e 10 do grande.

A colocação dos ninhos despertou interesse da Imprensa, tendo sido noticiada por jornais, rádio e televisão, o que contribuiu para a educação ambiental da população. Soube-se também que esta divulgação estimulou outros grupos de pessoas a promoverem a colocação de caixas para ninhos. Isto ocorreu entre moradores de um bairro residencial em Vargem Grande Paulista, SP, e entre pesquisadores da UNICAMP, em Campinas.

O Parque Morumbi tem uma área de 142.000 metros quadrados e está praticamente todo ocupado por uma mata original. Está situado entre duas encostas de morros e no fundo há um fio de água nascente no próprio Parque. Há um lago na

parte mais baixa e outro represado pouco mais acima. A mata é entrecortada por caminhos de terra por onde em geral circulam os visitantes. Há também trilhas estreitas penetrando a mata, por onde circula um número reduzido de pessoas. O Parque está situado no bairro do Morumbi que é formado por colinas bastante arborizadas, constituindo um “bairro jardim”.

O Parque foi dividido em dez setores. Cada setor recebeu dez caixas: uma grande, três médias e seis pequenas. As caixas foram colocadas a uma altura média de 5 metros.

Até junho de 1986 pretende-se completar a avaliação do projeto.

NÍQUEL NÁUSEA



FERNANDO GONSALES



NOTAS DE CAMPO

O SABIÁ-DO-CAMPO (*Mimus saturninus*)

Maria Martha Argel-de-Oliveira

O sabiá-do-campo, também conhecido por galo-do-campo, calandra ou arrebita-rabo, é um pássaro da família Mimidae encontrado em áreas abertas do Leste e do Sul do Brasil, Uruguai, Paraguai, Bolívia e Argentina. Embora não pertença realmente à família dos sabiás verdadeiros - família Turdidae - assemelha-se a eles, exceto pelo fato de ter a cauda mais longa, com branco na ponta das penas; isso não é observado em nenhum turdídeo.

O comprimento total da ave é de cerca de 26 cm, dos quais 11 cm de cauda. O colorido geral é marrom-acinzentado, mais claro na região ventral; através do olho passa uma risca quase preta e acima dela há uma sobrancelha branca.

É uma ave bastante comum em cerrados, campos e pastos com árvores e arbustos esparsos. Pode ocorrer inclusive em áreas suburbanas e áreas verdes de cidades grandes. Em São Paulo pode ser encontrado, por exemplo, na Cidade Universitária, nos bairros do Butantã e Morumbi, e no Parque do Ibirapuera.

A espécie é encontrada em casais no Sul do Brasil e na Argentina. Na região sudeste, entretanto, normalmente é vista em bandos, compostos por 4 ou mais indivíduos.

Com frequência o sabiá-do-campo é visto caminhando pelo solo, em áreas abertas, à procura de insetos, dos quais se alimenta. Frutos também constituem parte importante de sua alimentação, tanto frutos silvestres quanto cultivados, como amoras e laranja. No caso de ingestão de sementes de grande tamanho, estas em geral são regurgitadas. Alimentos aproveitados

com muito menor freqüência são moluscos terrestres, minhocas, pétalas de flores e néctar.

As sementes ingeridas pela ave ao se alimentar de frutos são sempre eliminadas intactas, viáveis para a germinação. Deste modo, a espécie age como agente dispersor desses vegetais.

A ave reproduz-se de fins de agosto a fevereiro, construindo seu ninho em arbustos a cerca de 1,5m de altura. É uma estrutura rústica, em forma de tigela, feita com ramos mal entrelaçados e revestida por dentro com material mais fino, como raízes finas e capim seco. A postura geralmente consiste em 3 ovos, de fundo azulado ou esverdeado, salpicados com pontos e manchinhas marrom-vináceas, mais concentrados no pólo obtuso, em torno do qual formam um anel. No Estado de São Paulo, é comum que mais de uma postura seja feita por ano por um mesmo bando, tendo sido observadas até 4 consecutivas.

Um fato interessante é que, após a eclosão dos filhotes, estes recebem cuidados não só dos pais como também de outros indivíduos do bando, que lhes trazem alimento e alertam quanto à presença de predadores nas proximidades.

O sabiá-do-campo é conhecido no Rio Grande do Sul e Argentina por ter um belo canto, em que inclui até imitações de canto de outras aves. Contudo, no Estado de São Paulo, a ave não emite sons elaborados, sendo imitações bastante incomuns, enquanto que no Nordeste o canto da espécie é ainda mais simples.

PAINEL 1

ORNITOLOGIA NA CESP - COMPANHIA ENERGÉTICA DE SÃO PAULO

A CESP - Companhia Energética de São Paulo, que tem como principal objetivo a produção de energia, está preocupada em minimizar os impactos ambientais negativos decorrentes de sua atividade.

Através de seu Departamento de Meio Ambiente e Recursos Naturais desenvolve atualmente vários programas de conservação dos recursos naturais terrestres e aquáticos, objetivando a médio e longo prazos a utilização múltipla de seus reservatórios, isto é, propiciar a pesca, a recreação, a educação e a pesquisa.

Para que isto aconteça há necessidade de conhecer os recursos naturais de que dispõe. Entre os vários programas ambientais desenvolvidos pelo Departamento alguns relacionam-se com a fauna e a flora dos reservatórios. Um dos mais importantes é o de anilhamento de aves aquáticas residentes e migratórias. Dentre os objetivos deste programa destacam-se os seguintes:

- a) obtenção de informações básicas sobre biologia, ecologia, comportamento e habitat das espécies de Anatídeos associados aos reservatórios;
- b) estabelecer nas áreas da Companhia e de influência dos reservatórios, refúgios de fauna para a proteção deste recursos;
- c) conhecer a dinâmica das populações deste grupo de aves e os fatores ambientais que nela influem;

d) conhecer a distribuição espacial e temporal das populações.

Até o final de 1985 a CESP anilhou mais de 5.000 aves aquáticas e de floresta, estas últimas em um programa específico com aves de sub-bosque.

As espécies de aves aquáticas residentes e migratórias anilhadas pela CESP são as seguintes:

Ananaí	<i>Amazonetta brasiliensis</i>
Irerê	<i>Dendrocygna viduata</i>
Marreca-cabocla	<i>Dendrocygna autumnalis</i>
Pato-do-mato	<i>Cairina moschata</i>
Pato-de-crista	<i>Sarkidiornis melanotos</i>
Marrequinha-bico-roxo	<i>Oxyura dominica</i>
Narceja	<i>Gallinago gallinago</i>
Quero-quero	<i>Vanellus chilensis</i>
Jaçanã	<i>Jacana jacana</i>
Maçarico-de-perna-amarela	<i>Tringa flavipes</i>
Maçarico-grande-de-perna-amarela	<i>Tringa melanoleuca</i>
Maçarico-solitário	<i>Tringa solitaria</i>
Maçarico-de-sobre-branco	<i>Calidris fuscicollis</i>

Um associado do CEO, Valdemar Roberto Ortega, Engenheiro Florestal, trabalha neste Departamento e informa que a CESP está aberta aos interessados para maiores informações sobre estes programas. Os interessados devem entrar em contato com:

CESP - Companhia Energética de São Paulo
Departamento de Meio Ambiente e Recursos Naturais
Alameda Ministro Rocha Azevedo 25, 5° andar
01410-900 - São Paulo, SP Tel. 253-4222 r. 207 ou 374.

PAINEL 2

RELATO DA VISITA FEITA À ILHA ANCHIETA UM MÊS APÓS A SOLTURA DE ANIMAIS PELA FUNDAÇÃO PARQUE ZOOLOGICO DE SÃO PAULO

Pablo Garcia Carrasco

Em 03/03/83, sob a enganosa denominação de “repovoamento”, foram soltos na Ilha Anchieta, do litoral de São Paulo, cerca de 160 animais, entre eles jabutis, macacos-prego de diferentes espécies e procedências, veados-catingueiros, capivaras, ratões-do-banhado (espécie introduzida em São Paulo), cotias, saguis-de-tufos-pretos, quatis, bichos-preguiça, pacas, ouriços, tatupebas, um tatu-de-rabo-mole macho e um tamanduá-mirim macho.

Um mês depois, em visita rotineira à ilha e acompanhando as pós-graduandas Maria Martha Argel de Oliveira, da UNICAMP e Sueli Angelo, da USP, que realizam pesquisas no local, algumas cenas vividas e informações recebidas foram realmente chocantes.

Começamos pela chegada dos animais à ilha, segundo depoimento do Sr. José Antônio, na época o caseiro da base de pesquisas mantida no local pelo Instituto de Pesca da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo:

“Os animais chegaram à ilha por volta de 11:00 hs e as jaulas e caixotes onde os mesmos estavam foram colocados sob a sombra de uma árvore na Praia Grande, próxima ao local de soltura, prevista para às 14:30 hs. Com o passar das horas, à espera do Exmo. Sr. Governador do Estado para que este, em “ato solene”, soltasse o primeiro animal, a posição do sol foi mudando e as jaulas e caixotes sendo cada vez mais expostos a ele. Quando o Governador

chegou, com razoável atraso, às pressas foi iniciada a soltura dos animais, alguns dos quais já estavam mortos ou moribundos no interior dos caixotes.”

Para todos os animais que foram soltos, numa clareira próxima à praia, alimento era colocado ali para que aqueles pudessem subsistir até que se adaptassem ao novo ambiente.

Gradativamente a porção de comida deixada ali ia diminuindo, até que um mês depois, ocasião da visita, a quantidade de alimento era pouquíssima para o número de animais que visitavam o local. Um copo de milho, um copo de amendoim com casca, meio mamão, uma a duas laranjas, duas a três bananas e um pedaço de mandioca eram a ração do dia.

Com tão pouco alimento, muitos dos animais, extremamente domésticos, como alguns macacos-prego e um veado-catingueiro, que ainda não tinham conseguido se adaptar ao novo ambiente, “mendigavam” comida às pessoas que estavam na ilha, principalmente aos turistas. Eram cenas deploráveis.

Numa manhã, durante a maré baixa, dois jabutis entraram nas tocas entre as rochas descobertas pela maré e ali ficaram presos, sem possibilidades de sair. Estes dois animais foram salvos, mas quantos não teriam morrido em tais condições antes da ocasião da visita, ou morreram posteriormente, ou foram levados embora pelos turistas, que nos finais de semana chegavam à ilha em grande número e não podiam ser vigiados pelos guardas do Posto da Polícia Florestal?

Os três saguis que foram soltos eram extremamente mansos, e mantinham-se ainda nas proximidades do local de soltura. Por serem tão mansos, um deles chegou a ser um problema por algum tempo, depois que a bióloga Sueli Angelo, uma estranha para ele, ofereceu-lhe comida. O sagui subiu em seus ombros e recusava-se, por todos os meios, a descer dali, ficando agarrado ao seu cabelo. Numa visão não biológi-

ca, este sagui era extremamente “carente”.

Durante o dia, mas com uma maior freqüência à noite, as capivaras podiam ser vistas atravessando a nado a Enseada das Palmas. Era patente o fato de que estes grandes roedores estavam desorientados no novo ambiente, confundindo o mar com algum corpo d’água fluvial.

Deve ser ressaltado o fato de que na Ilha Anchieta faltam pântanos com as dimensões necessárias para abrigar o número de capivaras soltas e os ratões do banhado, uma espécie animal que seguramente nunca existiu na ilha e da qual, assim como das demais espécies, o impacto ecológico que ocasionariam no bioma insular.

Merece ainda comentário o fato de um quati que atacou um pescador e ao qual causou ferimentos, ao ser enxotado de um galinheiro não pela primeira vez.

Este relato não tem em si mesmo um fim, pois há necessidade de mais pesquisas e observações para complementá-lo.

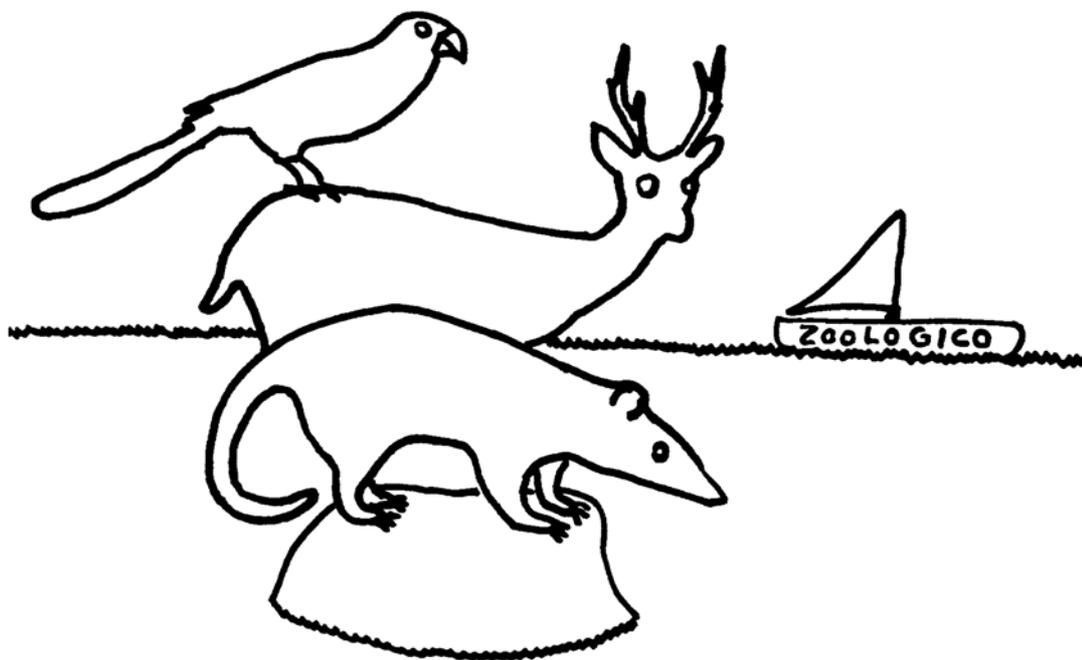
Cabe lembrar um trecho de uma carta publicada pelo Jornal da Tarde de 25/02/83, onde um alerta foi dado : “...o que a soltura aleatória de animais pode representar tanto para a fauna e flora locais como para os próprios animais a serem introduzidos é imprevisível. Pelo que sabemos da bibliografia especializada e de relatórios, não há estudo intensivo e continuado sobre a fauna da ilha, que é então insuficientemente conhecida. Este é o ponto fundamental a ser considerado, antes de qualquer plano de introdução de animais.

Ainda mais, sabe-se que em biomas insulares a dinâmica das populações difere muito das de áreas continentais não isoladas. O grau de isolamento, história da ilha, idade, riqueza da fonte colonizadora e área tornam as ilhas ambientes particulares.

Por essas razões, é uma ilusão crer que a fauna de uma ilha seja igual àquela do continente vizinho. Além disso, devem ser levados em

conta os diferentes ambientes que a área insular contém...”.

Para ainda uma dúvida: teve este projeto de soltura de animais, da autoria do Dr. Ladislau A. Deutsch, a proposta real de “recolonizar” um ambiente, uma proposta política ou um propósito de reduzir os gastos do Zoológico, que se livrou de uma série de animais que até então estavam sendo mantidos por ele?



PAINEL 3

CONTRIBUIÇÃO PARA DISCUTIR A QUESTÃO DOS NOMES VULGARES PARA AS AVES BRASILEIRAS

Luiz Fernando de Andrade Figueiredo

Diversos autores, na Ornitologia brasileira, se dedicaram à compilação dos nomes vulgares das aves. Trabalhos destinados quase que exclusivamente ao uso de ornitologistas, como o “Catálogo das Aves do Brasil”, de Olivério Pinto, se preocuparam em registrar os nomes vulgares das aves. Esta preocupação é uma constante nas publicações de Ornitologia, como se, não apresentando os nomes vulgares, a obra estivesse incompleta. Eurico Santos, em seus românticos “Da Ema ao Beija-Flor” e “Pássaros do Brasil” usou o critério de tratar apenas das espécies que dispunham de nome popular, admitindo com isto que as demais não seriam de interesse para os leitores.

Ultimamente tem surgido a preocupação em sistematizar os nomes vulgares das aves e criar nomes vulgares para as espécies que não dispõem de nenhum. Nos Estados Unidos isto já foi feito, por iniciativa da American Ornithologists Union.

Esta questão apresenta, entretanto, controvérsias e dificuldades. O objetivo fundamental de dar nomes vulgares a todas as espécies, padronizando-os, seria permitir que o povo em geral tivesse um conhecimento maior e mais seguro da avifauna. É inegável o desejo das pessoas de conhecerem os bichos por seus nomes; num passeio ao Jardim Zoológico constata-se isto facilmente. Alguns ornitólogos pensam, entretanto, que não há necessidade de nomes vulgares pois o que se deve fazer é divulgar os nomes

científicos. Mas é questionável que o povo tenha capacidade de assimilar com facilidade os nomes científicos. Ao mencionarmos estes nomes para leigos, notamos um certo espanto e raramente não nos pedem para repetí-los, tal a dificuldade em aprender sua fonética. Tentam às vezes encontrar algum significado no encadeamento incompreensível de sílabas. Não faz sentido para o leigo chamar um singelo beija-flor pelo bombástico nome de *Eupetomena macroura*. O nome científico pode também ser visto como uma esnobação de cultura, ou até um pedantismo. Mesmo imaginando que fosse possível o povo assimilar os nomes científicos, teríamos certos problemas. É que vez por outra os taxonomistas mudam ou retificam os nomes das aves. Um exemplo recente: *Carduellis magellanicus* que antes era *Spinus magellanicus*: como justificar junto ao povo esta mudança e como conseguir que ele na prática a obedeça? Para o povo esta ave continua a se chamar Pintassilgo, como sempre.

Uma vez aceita a necessidade dos nomes vulgares, como padronizá-los? Diversas dificuldades existem. A grande extensão do território brasileiro e de sua avifauna, faz com que surjam regionalismos: uma mesma espécie tem nomes completamente diferentes em regiões diversas. Ou o mesmo nome designa espécies distintas em diferentes regiões. Outro problema é a impropriedade dos nomes, apesar de consagrados popularmente. Por exemplo: Beija-flor-grande, ou Beija-flor-da-mata-virgem designando espécies da família *Galbulidae*. Tais aves não são beija-flores nem do ponto de vista taxonômico (os beija flores são *Trochilidae*), nem na prática, pois tais aves não tem o hábito de “beijar” flores, ou seja, adejar junto às flores à cata de néctar. Nestes casos o erro popular será respeitado ou se tentará corrigí-lo?

Alguns princípios deverão nortear o trabalho de sistematização dos nomes. O primeiro diz respeito à sua legitimidade, ou seja, deve-

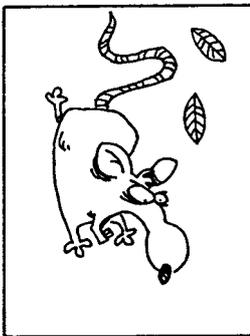
rá ser adotado aquele que já está consagrado pelo uso popular. O segundo diz respeito à sua especificidade, ou seja, o nome adotado deverá ser bem identificado com a espécie, de preferência descritivo em termos de plumagem, canto (onomatopáico) ou comportamento da ave. Outro princípio é o da simplicidade. Quanto mais simples, fonética e semanticamente, maiores as possibilidades de aceitação popular. Por fim, o princípio da validade. Será válido dar nomes diferenciados para espécies que até mesmo ornitologistas experientes têm dificuldade em identificar? Como por exemplo algumas espécies do gênero *Elaenia*. Um autor, Gabriel Augusto de Andrade, em sua obra “Nomes populares das aves do Brasil”, chegou ao detalhe de propor nomes vulgares diferenciados até para as subespécies. Trata-se, portanto, de uma complicação desnecessária e irreal.

O estabelecimento de uma lista padronizada de nomes vulgares para as aves do Brasil, mesmo que inicialmente só para parte delas, permitiria que se estimulasse o uso destes nomes nos mostruários de museus, jardins zoológicos, livros sobre aves, artigos de revistas e jornais, livros didáticos, filmes, enfim, por todos os meios possíveis de divulgação. Deste modo seria realístico acreditar que após algum tempo, talvez algumas décadas, tais nomes se incorporassem à cultura popular.

É indispensável que a lista a ser “oficializada” seja de consenso de todos os interessados nesta questão. Do contrário ela não terá forças para se impor. Portanto, não deverá ser fruto do trabalho de uma pessoa, pois o individualismo poderá comprometê-la. A meu ver, a exemplo dos Estados Unidos, este empreendimento deveria ser encabeçado por uma instituição, ou conjunto de instituições, capazes de congregarem e coordenarem todas as contribuições para a elaboração da listagem. Além de completo levantamento bibliográfico, são desejáveis pesquisas regionais junto à população, para verificar o

conhecimento, uso e preferências de nomes populares. Para estes trabalhos, e para os posteriores, de divulgação junto à comunidade da lista “oficial” de nomes, o que exigirá abundante mão-de-obra, as associações de observadores e criadores de aves poderão dar contribuição inestimável. Num primeiro momento é desejável limitar-se à padronização dos nomes vulgares já existentes, aguardando-se um melhor amadurecimento para tentar-se criar nomes para aves pouco ou nunca notadas pelo povo. A lista final, para que tenha a máxima legitimidade e portanto maior garantia de sucesso, deveria ser fruto de um processo “constituente”, democrático e aberto à participação de todas as entidades e pessoas interessadas.

NÍQUEL NÁUSEA



FERNANDO GONSALES



AGENDA

Para o ano de 1986 o CEO está planejando e encaminhando diversas atividades.

Oportunamente deverá ser encaminhado ao Reitor da USP um documento onde se analisam as diversas formas de depredação do ambiente natural da Cidade Universitária Armando Salles de Oliveira, sugerindo-se medidas de proteção deste ambiente.

Em maio pretende-se realizar um Curso Extensivo de Observação de Aves. Este curso visará principalmente alunos dos cursos de graduação em Biologia mas estará também aberto a outros interessados.

Em continuidade ao curso de observação planeja-se a realização de um Curso de Taxidermia de Aves. Frequentemente os observadores encontram aves mortas e estas poderão ser taxidermizadas e aproveitadas para coleções.

Nos meses de maio e junho será feita uma avaliação final do Projeto de Caixas para Ninhos do Parque Morumbi. Esta avaliação definirá futuras atividades nesta área.

No dia 5 de junho, comemorando o Dia Mundial do Meio Ambiente, será realizada uma palestra abordando os aspectos negativos da presença humana sobre a avifauna e as estratégias de preservação.

No dia 5 de outubro, Dia da Aves, será realizado o 2º Curso de Observação de Aves, com atividades práticas de observação.

Em suas reuniões mensais o CEO pretende continuar com programas de palestras visando o aprofundamento dos conhecimentos acerca da avifauna brasileira e de aspectos mais populares da Ornitologia.

INSTRUÇÕES AOS COLABORADORES

O Boletim CEO tem por finalidade publicar artigos relativos à ornitologia, conservação da natureza, educação ambiental e matérias correlatas. Apresenta as seguintes seções:

HOMENAGEM/DESTAQUE: biografias, comentários ou homenagens sobre personalidades do campo da ornitologia.

OBJETIVA: apresenta entidades ornitológicas, científicas e ambientalistas.

ARTIGOS: trabalhos de investigação científica originais e inéditos, nos moldes tradicionais.

PAINEL: revisões de literatura, comentários, relatos, manifestação de opiniões.

NOTAS DE CAMPO: observações rápidas de campo; materiais e técnicas de estudo de aves.

EVENTOS: relatórios de eventos ornitológicos, ambientalistas e científicos.

BIBLIOGRAFIA: são relacionados livros e artigos recentes, publicados em revistas ornitológicas principalmente, e relacionados, em sua maior parte, à avifauna neotropical. Esta bibliografia poderá ser encontrada na Biblioteca do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo.

Colaborações: Os manuscritos (em três vias) devem ser encaminhados ao Editor. Serão apreciados pelo menos por dois relatores e a decisão de publicar ou não no Boletim CEO será tomada pelo Conselho de Editores.

Após a aprovação para publicação, sempre que possível solicita-se que os autores encaminhem versões definitivas em disquete, sugerindo-se a digitação no programa “Word for Windows” ou compatíveis, com o mínimo de formatações. Solicita-se que os autores observem o tamanho da página do Boletim (13x19cm) quando incluírem tabelas ou figuras no texto. No caso de figuras, solicita-se que sua arte-final seja encaminhada já em dimensões compatíveis com

o tamanho da página. As Tabelas poderão ser feitas “deitadas”, portanto com 19 cm de largura. Outras orientações mais detalhadas sobre a apresentação do trabalho em disquete serão encaminhadas aos autores em tempo oportuno. O Boletim CEO reserva-se o direito de reformatar o texto segundo seu estilo próprio. Por solicitação do autor ou a critério do editor, será encaminhada ao primeiro prova para aprovação, devendo o autor devolvê-la com sua avaliação final no prazo máximo de 1 semana.

Os artigos de investigação científica devem ser organizados segundo a estrutura formal: Título (conciso e completo, descrevendo o assunto com termos que possam ser indexados adequadamente), Autores (junto ao nome de cada autor deve ser mencionada a instituição em que o mesmo está filiado, acompanhada do respectivo endereço) Resumos (em português e inglês), Introdução, Material e Métodos, Resultados, Discussão, Conclusões, Referências bibliográficas. Evitar notas de rodapé.

As referências bibliográficas no texto devem incluir autor e ano (também a página se o autor o desejar). Referências bibliográficas completas dos trabalhos citados devem ser relacionadas no final, em ordem alfabética do sobrenome dos autores.

Sugere-se seguir para a citação dos nomes abreviados dos periódicos, o “Serial Sources for the BIOSIS Previews Database”.